

# BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Representante da Confederação Geral do Trabalho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.653

Quarta-feira, 16 de Abril de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Editor—Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 384, 2.º Lisboa—PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A Conferência Inter-Sindical  
resolveu que fosse encetada  
uma campanha pró-anistia  
dos presos por questões sociais

## AS RATOEIRAS DO CORREIA DASILVA

### Os primeiros naufragos do "Bela Vista" chegaram a Lisboa

O que nos dizem alguns tripulantes sobre o naufrágio e o estado do navio

Já chegaram a Lisboa os primeiros tripulantes da barca "Bela Vista", aquela conhecida ratoeira que o armador Correia Silva não teve dúvida em colocar nos pés de alguns homens aos quais as necessidades da vida obrigam a embarcar.

Falámos ontem com eles e todos nos disseram do estado ruinoso do navio e só uma grande felicidade os trouxe a bordo do salvamento.

Esses tripulantes são: Armando Maria Pereira, piloto; Assis José de Oliveira, moço praticante; Adrião Rondon do Nascimento e Valentim Barbosa, marinheiros; Amâncio dos Santos Pereira, marinheiro praticante; Maximiano de Oliveira, cosinheiro; Antônio Júlio da Encarnação Carvalho, moço.

Fomos ouvindo a sua odiseia.

—No dia 3, deviam ser 20 horas, e hora e meia depois do navio ter saído, fazendo um tempo regular com vento de força 4—disseram o piloto—o capitão chamou-me para me comunicar que a barca não estava em condições de prosseguir e que lhe parecia ser uma viagem para a morte.

—De facto—continua—o navio estava de proa ao vento, ignorando eu a razão porque tinha essa posição, e assim declarou, após uma rápida análise, que tal a pouco tudo viria a baixo.

—E deu-se o que previra?—perguntou.

—Pouco depois partiu-se o mastro do velacho, sendo obrigada a tripulação a abrigar-se no tombadilho da ré, o navio ficou sem governo.

—Dali a uma hora, pouco mais ou menos, caiu o mastro grande, arrastando com sua queda o mastro de mezena que lhe atingiu.

—Que dizia o capitão a isso?

—Julgou ao princípio ser algum acto de sabotagem, como declarou, mas depois mandou-me verificar o que havia. Passei uma revista ao mastro da traquetá e então, pelo que vi, ficou convencido o capitão não ter havido acto de sabotagem algum, mas sim ser aquilo resultado das condições ruinosas em que se encontrava a mastrengaria.

—Tudo podreu—exclamaram.

—E o mais que se vai ver—acrescentou. Ficamos a bordo até ao dia seguinte. De madrugada, pelas 2 horas, quando se iaçava a baileira dos picadeiros, para estar pronta à primeira voz, essa baileira, depois de estar suspenso, abriu, ficando a roda de pôpa gato d' alha, caindo ao convés!

—Ficaram, portanto, sem um dos meios de salvamento—observamos.

—Conseguimos repará-la como pudemos, mas estava tanto pôrde que com facilidade se tiravam os pregos à mão! Era nisto que havíamos de fugir à morte! A bomba também se encravou, e em vez de água saia sal.

—E quando abandonaram a barca?

—Deviam ser 16 horas, para o que utilizamos da baileira, uma chata e um bote de cinco metros de comprido. Na baileira embarcaram o capitão e os tripulantes; na chata dois marinheiros e no bote eu e mais quatro tripulantes e tôda a roupa que pudemos trazer.

—A certa altura o tempo começou a adensar e então mandei passar os tripulantes da chata para o bote, tendo para isso de aliar a roupa ao mar.

—Não estavam à vista de terra quando abandonaram a barca?—perguntou.

—Como o tempo fosse piorando nada de divisas; porém, remando para terra, avistámos, mais tarde o cabo da Roca. A seguir perdemos-nos da baileira, encontrando-a mais tarde já abandonada.

Um por menor:

—O bote só tinha três remos, a baileira quatro e a chata um e um bote de outro.

—Como foram salvos?

—No dia seguinte, pelas 10 horas, já esgotados de lutarmos com o mar, sem termos que comer nem beber, recolhemos o vapor "Star Light", da praia de Leith, sendo muito bem tratados não só pelo comandante como pela tripulação, e fomos conduzidos ao porto de Oyon, Espanha.

—Aí chegamos pelas 9 horas do dia 8 e mandamos comunicar o que se passava ao vice-consul português. Pois só às 16 horas compareceu um empregado!

Fomos ao consulado, sendo-nos fornecida a comida, casa para dormir e 10 pesos. No dia seguinte deu-nos mais 60 pesos, e seguimos para Vigo. Aqui o consul, sr. Vasco Morgado, tratou-nos com todas as deferências. Depois embarcamos para Lisboa onde chegamos no domingo de manhã,

—E quem indemnisa a tripulação dos homens perdidos?—perguntámos.

—Cada homem deve receber 5\$00 do Instituto de Socorros a Naufragados... responderam-nos.

—O estado da barca e a falta de dinheiro do armador

Correia da Silva,

—Um dos tripulantes, que estava ansioso por dizer da sua justiça, elucidou-



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.653

Quarta-feira, 16 de Abril de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

## OS CARROS

de tracção animal

podem transitar nas ruas

por deliberação da Câmara

Correspondendo à decisão tomada pela Câmara Municipal de Lisboa, de favorecer o aparecimento de carros de tracção animal para transporte de passageiros dentro da cidade, chegou a aparecer nas ruas um carro mais ou menos como os antigos "Chora". Porém a Câmara, esquecendo-se que lhe cumpria favorecer o aparecimento desse meio de transporte, mandou-o recolher, alegando que estava aberto concurso para carros de tracção animal dentro do prazo de 90 dias.

Essa sua atitude era absurda. Porém a vereação reconhecendo-o, aprovou na sua sessão ordinária, de outem, uma proposta com as seguintes conclusões:

1.º Que a Comissão Executiva fique autorizada a título de experiência a dar licença para explorar o transporte colectivo de passageiros, por tracção animal, a quem o requer, isto até ser apurado o resultado do concurso que a Câmara vai abrir, de harmonia com a sua deliberação de 4 de corrente;

2.º Que estas licenças só sejam concedidas a quem se propõe explorar esta espécie de transporte com carros que satisfazem os interesses e comodidade e segurança do público, devendo proceder-se a uma prévia visão por técnico competente;

3.º Durante o prazo das licenças ficam isentos de quaisquer taxas os proprietários dos carros.

## SECÇÃO TELEGRÁFICA

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Manipuladores de pão.—Informem a causa das prisões a que se refere o vosso ofício, de 14 de corrente.

## Federações

CALÇADO, COUROS E PELES

Comité de Propaganda Federal do Norte.—Recebemos ofício.

Vila do Conde.—Recebemos ofício.

S. U. do Pôrto.—Recebemos ofício.

Porto Seguro segue amanhã.

S. U. de Braga.—Seguimos ofício, requisição e recibo.

## Reusação liquidada

E impossível que o dr. sr. Amor de Melo não tivesse lido os convites que, em locais bem visíveis, lhe fazem a provar as acusações graves que contra A Batalha formulou. A tranquilidade da nossa consciência ditava-nos a atitude que tomámos. Sabíamos que o dr. Amor de Melo não podia provar factos que não se deram. Porém, como os nossos leitores não advinhariam quem teria razão, transfiguramos por consideração pelo povo que nos leva e nunca pelo acusador cuja moral anda muito tremida e cujos actos na sua vida não tem sido sempre dum coração impecável. Demos-lhe a importância que ele não tinha, convidando-o a demonstrar com provas evidentes que estávamos vendidos ao sr. Soto Maior.

O seu silêncio é bem significativo—significa que não estão os nossos leitores em presença dumha acusação concreta mas dumha revoltinga calúnia que, longe de afectar os caluniados, apenas cobre de lama o caluniador.

Limitou-se esse cavalheiro mandar a Imprensa Nova publicar uma local estúpida, como as que ela costuma, entre suores frios, dar à luz quando atingimos a sua gente em cheio, quando acusamos a vida e seu caráter. Essa local da Imprensa Nova é uma maneira parva e torpe do dr. sr. Amor de Melo querer furar-se a responsabilidades.

Mas descanse, doutor, que não se escapa. Temo-lo seguro e bem seguro pela sua ausência de moral e de escrúpulos. Sim, porque um caluniador é uma criatura sem moral nem escrúpulos. E uma criatura sem moral nem escrúpulos, como o dr. Amor de Melo, só poderá afastar da caminho das pessoas limpas com a palavra—pulha!

Alguns jornais de ontem, comentando a seu modo a Conferência inter-Sindical, consideraram um princípio de cisão na Organização Operária, a saída dos signatários da moção apresentada por Júlio Luiz. Esses jornais tomaram como facto o que não passa dum desejo das empresas capitalistas que os subsidiam.

Opiniões divergentes sempre as houve na Organização Operária, o que longe de ser um desfeito é apenas uma característica dos grandes aglomerados humanos. Simplesmente, quando não se colocam os interesses de tendência acima da Organização Operária, a luta pelo triunfo dum determinado ponto de vista faz-se de forma a não afectar a unidade de acção nem a solidariedade da organização. Desde que assim não se proceda não é possível que a classe operária se emancipe da exploração capitalista. Essa emancipação tem de ser obra do seu próprio esforço, sem que tenha de amparar-se a qualquer muleta partidária.

Portanto, ninguém pensa em soscios, que atingindo a unidade sindical, porventura entraves à rápida realização dos objectivos em mira.

O que os jornais burgueses tomaram como cisão foi o gesto dos delegados de alguns organismos que abandonaram a Conferência. Abandonaram a Conferência mas não abandonaram a Organização Operária, e nesse ultimo caso se poderia considerar cisão — que não seria de grande importância pelo facto de maioria desses organismos não estarem filiados na C. G. T. Sejam apesar disso sindicatos que continuavam a não estar na Conferência.

Os realistas aceitaram o veridictum do povo—L.

INGLATERRA

A greve de Southampton

LONDRES, 15.—Os grevistas de Southampton, que no sábado se tornaram responsáveis pela proclamação do "lock-out" nacional dos proprietários de estaleiros, entregaram os próprios a decisão do conflito ao tribunal de inquérito instituído pelo governo para decisão de conflitos operários.

Uma deputação comunicou os seus desejos sóbrios a decisão do conflito, ao sr. Macdonald, numa conferência que se realizará hoje. —L.

José BENEDY

Universidade Livre

O pensador holandês, Richard Bonham, autor de uma obra notável, publicada em França e na Alemanha, realiza na Universidade Livre, amanhã, pelas 21 horas precisas, uma conferência sobre o tema "O Mal Social e os seus resultados".

Um dos tripulantes, que estava ansioso por dizer da sua justiça, elucidou-

## OS CARROS

de tracção animal

podem transitar nas ruas

por deliberação da Câmara

Correspondendo à decisão tomada pela Câmara Municipal de Lisboa, de favorecer o aparecimento de carros de tracção animal para transporte de passageiros dentro da cidade, chegou a aparecer nas ruas um carro mais ou menos como os antigos "Chora". Porém a Câmara, esquecendo-se que lhe cumpria favorecer o aparecimento desse meio de transporte, mandou-o recolher, alegando que estava aberto concurso para carros de tracção animal dentro do prazo de 90 dias.

Essa sua atitude era absurda. Porém a vereação reconhecendo-o, aprovou na sua sessão ordinária, de outem, uma proposta com as seguintes conclusões:

1.º Que a Comissão Executiva fique autorizada a título de experiência a dar licença para explorar o transporte colectivo de passageiros, por tracção animal, a quem o requer, isto até ser apurado o resultado do concurso que a Câmara vai abrir, de harmonia com a sua deliberação de 4 de corrente;

2.º Que estas licenças só sejam concedidas a quem se propõe explorar esta espécie de transporte com carros que satisfazem os interesses e comodidade e segurança do público, devendo proceder-se a uma prévia visão por técnico competente;

3.º Durante o prazo das licenças ficam isentos de quaisquer taxas os proprietários dos carros.

## SECÇÃO TELEGRÁFICA

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Manipuladores de pão.—Informem a causa das prisões a que se refere o vosso ofício, de 14 de corrente.

## Federações

CALÇADO, COUROS E PELES

Comité de Propaganda Federal do Norte.—Recebemos ofício.

Vila do Conde.—Recebemos ofício.

S. U. do Pôrto.—Recebemos ofício.

Porto Seguro segue amanhã.

S. U. de Braga.—Seguimos ofício, requisição e recibo.

## A PROPÓSITO DO LIVRO

### "VERA VERGANI"

diz-se um pouco do muito que se devia dizer  
sobre a companhia de Niccodemi  
e sobre a pobreza das nossas  
companhias

Raras tem sido as companhias estrangeiras que, ao passar pelos nossos palcos, deixam no público que não se fia nos reclames rasgados de certa imprensa, o sentimento de saudade que a de Niccodemi gravou no nosso espírito.

juntas muito dificilmente poderiam robustecer as fileiras sindicais, prestando-se a perniciosas influências de elementos heterogêneos. Apresenta por último, em nome do sindicato mobiliário, uma moção para que a U. S. O. coadjuve os sindicatos na criação de seções por bairros e, por sua vez, constitua, também por bairros, seções de defesa econômico-social.

Artur Aleixo concorda com as juntas sindicais visto a forma por que serão constituídas arredar o perigo de que possam tornar-se noivas à organização operária, devendo, ao contrário, tornar-se ótimos elementos de informação e preparação revolucionária. Entende também que os quadros sindicais, para que a sua ação seja mais eficaz, precisam ser remodelados, sem contudo alterar-se a essência do sindicalismo.

Alexandre Vieira propõe que se nomeie uma comissão composta pelos delegados que tenham trabalhos a apresentar sobre a tese, a fim de os estudar e elaborar um documento que os condense e seja acreditado na sessão de hoje.

E aprovado, ficando a comissão composta por Manuel de Figueiredo, Manuel da Silva, José Martins Orilo, Joaquim da Silva, Manuel Joaquim de Sousa e Alfredo Lopes.

Aníbal da Silva, delegado dos alfaiates, declara que não foi por unanimidade que a delegação do seu sindicato resolveu retirar-se da conferência. Ele e outro delegado continuam colaborando nos trabalhos.

### Anistia aos presos!

Antônio Monteiro apresenta a seguinte moção, que é aprovada por unanimidade:

Considerando que a situação dos presos por delito social, encarcerados nas bastiñas da república, se está tornando insuportável pela extensão da pena a que estão sujeitos;

Considerando que, estando em trânsito um projeto de anistia a crimes de caráter político, aqueles nossos camaradas temem todo o direito de ser incluídos no mesmo, mas

Considerando, que hoje, como sempre, os governantes se esquecerão dos que não formam suas camarilhas, e por este motivo os mesmos camaradas não serão abrangidos pelo sobre-dito projeto;

Considerando ainda que é a organização operária, ao serviço da qual os mesmos sacrificaram a sua liberdade, que compete mais de perto curar da semelhante situação, agindo de modo a prestar-lhe a devida e necessária solidariedade; a conferência inter-sindical de Lisboa; resolvem:

1º - Patentear a sua mais estreita solidariedade a todas as vítimas da reacção burguesa.

2º - Comunicar, por intermédio da comissão saída desta conferência para dar andamento aos seus trabalhos, a todos os organismos centrais no sentido de encetarem todos os trabalhos necessários a levar à prática qualquer movimento tendente a fazer incluir no dito projeto de anistia os presos por questões sociais.

3º - Que todos os delegados presentes iniciem nos sindicatos de que fazem parte, sessões ou quaisquer outros trabalhos de agitação tendentes a defender a justa pretensão daquelas vítimas do que se dirigem.

4º - Que estas resoluções sejam publicadas na *Batalha*, instando junto da redação da mesma para que inicie uma campanha em favor da anistia.

Liário expediente foi, por último, resolvido que os trabalhos prossigam hoje às 20 horas prefixas, sendo constituída a mesa por Antônio Monteiro, presidente, e Jaime Tiago e João Gomes, secretários.

## A BATALHA NO PORTO

### Os automóveis

PORTO, 15. - Pelo automóvel N. 2481, foi atropelado o menor José Menezes, de 12 anos, morador na Rua de Costa Cabral.

O "chauffeur" desapareceu com o carro em vertiginosa correria, sendo o atropelado conduzido ao hospital da Misericórdia.

### Fóra da lei

Ao negociante Simão Vasconcelos, da Rua de São da Bandeira, os larápios furtaram por meio de arrombamento uma peça de fazenda, no valor de 819\$00; ao soldado da G. N. R. furtaram por meio de chave falsa, objectos de euro no valor de 870\$00.

## AS GREVES

### EM BRAGA

#### Manipuladores de Pão

PORTO, 15. - Segundo notícias chegadas a esta cidade, sabe-se que os manipuladores de pão de Braga, depois de haverem votado a greve em princípio, começaram ontem na luta em prol das suas reivindicações.

Os industriais comunicaram o que se passa ao chefe do distrito, que requisiou soldados da Manutenção Militar, tendo já chegado 22 praças da Póvoa de Varzim.

Garante-se que a greve se estende a todas as localidades vizinhas daquela cidade, tendo-se efectuado várias delas, no sentido de a greve ser geral no país, conforne conferências havidas e impressões trocadas pelos delegados dos operários agora em luta.

Parce que apesar das provisões adotadas pela autoridade, o pão vira a falar, ou pelo menos o seu fabrico diminuirá muito em quantidade e qualidade.

#### Operários chapeleiros

Também se encontram em "greve", há dias, os operários chapeleiros da Fábrica Social Bracarense, de determinada secção, continuando as outras em laboração por comum acordo com os grevistas. (C.)

### Mutualismo e Cooperativismo

Humanitaria dos Operários Lisboenses. - Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral esta associação de socorros mútuos para apreciação do relatório de contas de 1923 e eleição de cargos vagos.

## UMA CARTA

a propósito dumas cobardes acusações feitas na imprensa

Do nosso camarada Campos Lima recebemos, com o pedido de publicação, a carta que segue, embora, em nosso entender, o assunto não mereça a atenção que este camarada lhe presta:

**Camarada redactor.** — Informam-me que alguns jornais fazem referência a um facto em que o meu nome é envolvido, pretendendo-se acusar-me de uma atitude pouco moral, insinuação que peço me deixe, por este meio, repelir. Parece que alguns indivíduos que se diziam meus camaradas em ideias, haviam tomado a deliberação de impossibilitar a minha admissão a um Congresso ou Conferência Anarquista que está para se realizar e isto com o fundamento de que eu, como advogado e no exercício dessa profissão, defendera um assabancador.

Antes de mais nada, devo dizer que não pertenço a qualquer organização libertária; nem a um simples grupo. Convidado por circular para tomar parte numa conferência libertária, não respondi a esse convite enviando qualquer adeus. Convidado segunda vez, por outra circular, também não respondi, firmando disposto a não tomar parte nessa conferência por motivos que alguns meus camaradas conhecem bem. A quem vem, pois, essa proibição de eu tomar parte numa reunião a que eu não queria assistir? Mas vamos ao caso que originou a relutância desses libertários pelo meu acto. Tratemos do caso da defesa do assabancador.

Mesmo sem se averiguar se se trata dum verdadeiro ou falso criminoso, não vejo como se não possa logo discernir de que lado está a incerteza dum libertário, se em defender um homem, mesmo estando ele culpado, se em querer-se averiguar se da possibilidade de ele estar inocente. Creio bem que se se tratasse dumas procurações que eu tivesse aceitado para acusar um patrício de qualquer crime, nenhum desses camaradas que me acusam veria na razão de que eu, como advogado e no exercício da liberdade, defendesse o maladado da Flandres.

Foi vítima dos gizes asfixiantes e regressou a Portugal bastante doente. Uma das doenças que se manifestou após o seu regresso foi a epilepsia. Tinha ataques freqüentes. Examinado nos serviços de saúde dos Caminhos de Ferro, deram-no como útil para o trabalho embora esse fosse interrompido, por vezes, por alguns ataques.

No dia 9 de Abril, data em que se comemorou pomposamente a carnaval, que o danificou tanto, Borginho quando limpava o cinzeiro dum locomotiva, foi acometido por um ataque e caiu no meio das brasas. De cima, outro operário que ignorava o que se passava foi acumulando sobre o seu corpo inerte brasas sóbrias. Quando deram pelo fato sucedeu já Francisco Borginho estava quase carbonizado. Telegrafaram imediatamente para o director sr. Avelar Rua pedindo-lhe autorização para reservar lugares num compartimento de 1.ª classe a fim de conduzir a Lisboa, o ferido e as pessoas que o acompanhavam. Resposta do director: que só autorizava passagem em 2.ª classe para o ferido e as pessoas que o acompanhavam que passassem a passageiro.

Quando ele marche on dirá que ele dança... A legenda desenvolve-se naturalmente sem fadiga para o compositor e para o ouvinte; tem requerimento musical e movimento ritmico. "Dança" é mais despreocupada, embora embora ligeiramente, comentando-as pela ordem; porque estão no programa.

Também agradável impressão colhemos das embora ligeiramente, comentando-as pela ordem; porque estão no programa.

Quando ele marche on dirá que ele dança... A legenda desenvolve-se naturalmente sem fadiga para o compositor e para o ouvinte; tem requerimento musical e movimento ritmico. "Dança" é mais despreocupada, embora embora ligeiramente, comentando-as pela ordem; porque estão no programa.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo género. Quando aceitei a procuração estava absolutamente convencido, pela prova testemunhal que o réu ia apresentar, que se não provaria essa recusa de venda e que se daria uma absolvição. Nesses processos, sumarissimos, é fácil uma defeituosa instrução, pois o pessoal que faz o serviço das apreensões é o mesmo que serve para prova testemunhal, tendo todo o interesse, embora na melhor das intenções, em corroborar as declarações do participante.

Por isso aceitei a procuração. Efectivamente no tribunal não se provou que o meu constituinte se recusara a vender certo

## CRÓNICA DO PORTO

A QUESTÃO DO INQUILINATO  
e as perturbações morais que a justiça  
pode sofrer

PORTO, 13. — A questão do inquilinato agita-se; as execuções despejadoras avolumam-se; e o público, ardendo em chama rubra da indignação, ameaça invadir as residências dos senhores e tenta, por vezes com êxito, repôs os lacres desalojados nos seus primitivos logares.

Esta ação directamente revolucionária das populações dos diferentes bairros, tem inquietado a chamada ordem dos quartéis, das esquadras e já consegui um senhor a ceder de novo a chave do inquilinato, judicialmente exonerado do seu triste cubículo...

Mas o que sobretudo faz atear a labareda da revolta popular, confranger os corações e convulsionar os nervos, é o actual contemporeâneo com que a venalidade, característica da época corrente, consegue vergar, como um lirio apoiado pelo vento, a integridade dos magistrados... Os tribunais, batidos pelos advogados, que se inteligençam e fazem render o seu pele — como se dizer-se em calão plebeu — terminam sempre por se endroçar nos truços dos mais nobres e dos mais fortes, inclinando a balança da justiça... para o ouro do proprietário. O metal possui propriedades apreciáveis de atração: é um excelente iman...

Neste momento em que se aviva o grande fâtal contra a jurisprudência ética desta qualidade de jurisprudência, a qual já tem feito irritar os miolos administrativos e vigilantes das próprias juntas de freguesia, e feito brotar protestos fundamentalmente encendidos e encaninhados para o ministério da justiça — cabe vir a pélo um facto importante que acredita a existência dos subornos... magistrais...

Aqui atrasado, quando tivemos a gentileza de termos convidados a comparecer no tribunal de São João Novo, dissemos que o pessoal do civil entoava viva o bolevezmo, como manifestação de chacota ao projecto de «domingueira» que mandava trancar todas as ações de justiça...

Não me referi, porém, a um apelo impresso e colado pelas paredes dos teatros e salas de audiências — apelo, aliás, muito explícito para o bon entendedor e cheio de moral conselheira.

E todavia, ele merece as nossas honrosas homenagens e a necessária transferência dos domínios do modesto o culto para a luta diária da vulgarização investigadora, para que o estudo da psicologia forense não resulte assim incompleto.

O referido apelo, escrito e mandado imprimir e fixar por um juiz intelectual e integerrimo, principia por estes dízimos:

«Ninguém ofenda os juízes com peças ou recomendações...»

Q nem tem justiça require-a, mas nunca a pede por fora dos autos, por que, pedindo-a, mostra que, sem o pedido, era o juiz capaz de lha tirar e dar à outra parte, o que muito o afrai...»

Logo por este bocado inicial se vê que os juízes são constantemente assediados por empenhos de peso, o que não é novidade alguma. Quais as fúneis influências resultantes dos empuxões à toga dos magistrados, claramente se descobrem nos seguintes trechos:

«Quem não tem justiça, evidentemente agrava o juiz, pedindo-lha, porque o juiz capaz de, com o pedido, furtá-la a quem tem para lhe dar, a pede...»

O pedido pode perturbar o juiz, levando-o a julgar que o pedinte duvidava da justiça da sua pretensão.

São estes pedintes que vão denegrindo e envenenando as decisões dos tribunais e degradando o corno moral do público, levando-lhe a suspeita ou a crença de que tais decisões dependem dos pedidos.»

No verso destas linhas, vê-se todo o reverso das faltas. Se os homens do tribunal fôssem criaturas de massa diferente e sobrenatural e, portanto, isolados de todo o contacto corruptível, seria desnecessária, inútil, semelhante doutrina apelativa. Sendo-se com ela, reconhece-se, ipso-facto, o desenvolvimento contagioso do grande

Colaço encarregado de uma mensagem para os reis frances, não lhes tenha enviado também, em penhor de trégua, ricos presentes para suas mulheres e irmãs, que os acompanharam ou ficaram na Germania?

Elwig rodou sobre os calcânhares, levantou-se dando um pulo, atirou com a faca para o lado, bateu as palmas, e soltou gargalhadas quase insensatas; depois, açoçou-se novamente junto de mim, dizendo-me com uma voz entrecortada e arquejante:

— Presentes? tu trazes presentes?... onde estão elas?

— Sim, trago presentes capazes de deslumbrar uma imperatriz; colares de ouro com carbúnculos, brincos de pérolas e rubis, braceletes, cintos e coroas de ouro, tam carregadas de pedrarias, que resplandecem à semelhança das cores do arco-íris... obras primas dos nossos mais nobres ourives gauleses... Trouxe tudo isto de presente... e visto que teu irmão Néroweg, o águia terrível, é o mais poderoso rei das tuas hordas, também partilharás a maior parte destas riquezas.

Elwig tinha-me escutado boquiaberta, com as mãos postas, sem procurar encobrir a admiração e a desenfreada cubica que lhe causava a enumeração destes tesouros... Mas de súbito os seus gestos tomaram uma expressão de dúvida, e de cólera. Apanhou a faca, e levantando-a sobre mim, exclamou:

— Tu mentes ou zombas!... onde estão esses tesouros?

— Em lugar seguro...; porque previ que poderia ser morto e despojado sem ter cumprido as ordens de Vitoria e de seu filho.

— Onde puseste os tesouros em segurança?

— Ficaram no barco que me conduziu aqui... Os meus companheiros fizeram-se ao largo e ancoraram nas águas do Reno fora do alcance das flechas dos teus.

— Temos barcos de jangada do outro lado do campo, vou mandar perseguir os teus companheiros... Alcançarei os teus tesouros!

— Estás enganada... Os meus companheiros, vendo ao longe os barcos inimigos, desconfiarão, e como lhes

## A BATALHA

## ORGANIZAÇÃO METALÚRGICA

(Tese a apresentar ao Congresso Metalúrgico  
pelo Sindicato Único Metalúrgico do Porto)

## Considerações preliminares

Quer dizer: o juiz, um tanto aterrado com a cara do favoritismo e da injustiça, pede aos advogados, aos solícitadores e aos oficiais de justiça para que encarecidamente peçam aos seus «fregueses» para que não lhes façam qualquer pedido, a fim de que não tenham, por sua vez, de todos pedir aos magistrados — mesmo que seja pedir justiça...»

Prova provada de que o verbo pedir, auxiliado pelo comercial verbo haver, é o principal conjugado nos tribunais da justiça burguesa da nossa terra, que, como a justiça burguesa das outras terras, é fundamentada nos pulverulentos alfarinhos que nos legaram os romanos do antigo império — a bem da propriedade privada.

Não haja dúvida: éste apelo, interessante e sentimental, é um rebate de consciência de um juiz que, numa hora rara de sinceridade, intimamente se indignou contra os vendilhões do templo da justiça; é um flagrante depoimento contra a instituição que é o próprio ser, em defesa dos fortes contra os fracos, dos ricos contra os pobres, dos poderosos contra os humildes, dos gorduchos privilegiados contra os esqueléticos desprotegidos.

E como nessa hora grave da questão do inquilinato, as decisões continuam a denegrir-se e a envenenar-se a contento dos proprietários, que através de todas as artimanhas tudo conseguem para a hora e proveito da desmoronização dessa gente — o documento transcritio, não é oportuno, é oportunissimo...»

Apenas tem este inconveniente: não pode modificar a estrutura básica dos próprios tribunais, causa essencial das decisões, dos foros, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

A onda das injustiças, das arbitrariedades e das crueldades continuará a crescer avassaladoramente — pelo que resta só um caminho às populações: a sua resistência directa à malandragem dos senhores...»

Ora pois:

C. V. S.

## TEATROS &amp; CINEMAS

## Notícias

A Companhia cómico dramática, dirigida pelo primeiro actor do teatro Espanhol de Madrid, Francisco Gomez Ferreira, a qual se estreia, no Eden, sábado próximo, traz no seu repertório o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

Ora pois:

Com a prática do juiz autor do apelo lhe tem demonstrado, exuberantemente, que a corrupção também invadiu os tribunais; como o seu sentimento se revolta contra a depreciação pública e a depreciação judicial, em desgraçado contacto, ele, sinceramente em nome dos seus colegas.

«A bem da justiça da nossa terra e da moralização da nossa gente, pede aos senhores advogados, solícitadores e oficiais de justiça que chamem a atenção dos seus clientes para este apelo, simples, justo e oportuno...»

